

## Médicos de Brasília vão prestar assistência a índios do Araguaia

### Heli Espíndola

Uma equipe de profissionais da saúde do DF fará uma visita, até o final do mês de janeiro a várias tribos indígenas situadas ao longo do rio Araguaia. O projeto financiado pela Fundação Rotary, uma entidade internacional vinculada ao Rotary Club, foi idealizado pelo médico americano Otto Austel e pelo engenheiro brasileiro Alexandre Lúcio Fonseca e tem como objetivo dar todo tipo de assistência médica e odontológica e orientar os nativos no cultivo de árvores frutíferas e na utilização de água tratada. No total, serão empregados no projeto nove mil 500 dólares.

Na verdade a idéia de realizar um trabalho educativo e assistencial junto aos índios Karajas, que têm sofrido nos últimos tempos, segundo informações de Alexandre Fonseca, diretor do Rotary Club em Brasília, doenças pulmonares, intestinais, de pele e do

cabelo, tuberculose e problemas graves de saúde bucal, dos olhos e audição, surgiu há 30 anos quando Otto Austel, na época missionário, esteve no Brasil visitando as tribos indígenas.

"Ele veio como missionário do Rotary Club, dentro de um projeto que temos de financiar visitas a outros países", conta Alexandre Fonseca, acrescentando que nesta viagem que o americano fez à ilha do Bananal, no Centro-Oeste do Brasil, ele aprendeu o idioma dos índios, criou a escrita e redigiu uma cartilha que é utilizada pela Funai para educar os nativos. "Durante o tempo em que permaneceu na tribo, acompanhado da mulher e do filho, ele acabou perdendo o filho que morreu de malária", descreve o diretor do Rotary Club, acrescentando que depois de enterrar o filho na tribo o americano decidiu estudar medicina e voltar para combater a malária.

O sonho de Otto Austel, no

entanto, não pôde ser realizado logo que ele se formou em medicina na Califórnia. "Ele quis voltar ao Brasil para realizar o projeto de prevenção e combate à malária, mas foi impedido pelo Governo brasileiro na época", afirma Alexandre Fonseca. Em abril de 1991, depois de vir ao Brasil como integrante de um grupo da Rotary Internacional que tinha como objetivo uma pesquisa no Paraná, o médico foi até a ilha do Bananal onde conseguiu ser reconhecido por alguns índios.

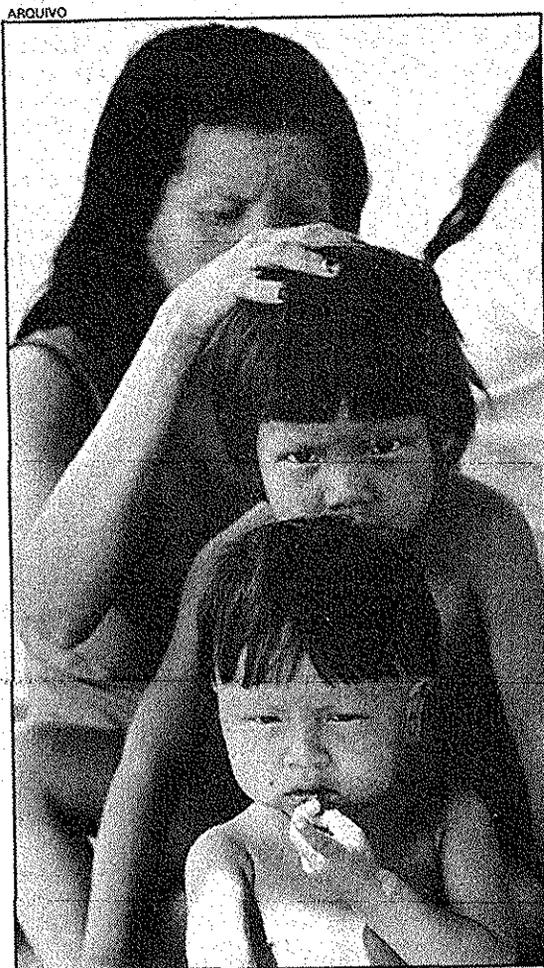
"Isso representou um incentivo para que Otto Austel tentasse novamente realizar o seu sonho de ajudar os índios de quem ele gosta muito". Segundo Alexandre Fonseca, então diretor do Rotary da região centro-oeste, o americano lhe telefonou para falar sobre o seu projeto. "Nos juntamos então e escrevemos uma carta à Fundação Rotary onde expusemos nossas idéias de trabalhar na região dos índios Karajas".

### Rotary financia o projeto

O Rotary Club, ao qual está vinculada a Fundação Rotary, surgiu em 1905 e existe em 181 países somando um total de um milhão e 300 mil associados em todo o mundo. Só no Distrito Federal existem 32 clubes cuja finalidade principal é o de prestar serviços. O primeiro Rotary Club da região foi fundado em 1957 quando Brasília era ainda um canteiro de obras. Um dos grandes feitos do Clube, que será um dos pontos da comemoração dos cem anos do Rotary em 1905, é a contribuição ao Governo brasileiro para a controle da poliomielite.

A realização desse projeto (Karajás só foi possível porque existe, entre os clubes do Rotary, um emparceiramento que pode ser feito para um único projeto "através da Fundação Rotary que canaliza recursos originários de doações espontâneas e de festas beneficentes" afirma Alexandre Fonseca, acrescentando que os investimentos são, normalmente, feitos nas áreas educacionais e filantrópicas.

Um dos principais trabalhos



Os índios terão tratamento odontológico

desenvolvidos pelo Rotary desde a sua fundação é a distribuição de bolsas-de-estudos para jovens, entre 25 a 35 anos, do mundo inteiro para visitar e conhecer outros países. "Nós fornecemos passagens e hospedagens que são oferecidas pelos nossos associados em suas próprias casas".

### Material já foi comprado

Os nove mil e 500 dólares, liberados pela Fundação Rotary serão aplicados em várias ações de saúde a serem desenvolvidas junto às populações de aldeias indígenas como as de São Félix, Santa Terezinha, Santa Isabel, São Raimundo e Itaperipe entre outras. O primeiro passo do médico americano foi adquirir dois aparelhos portáteis de tratamento odontológico e um grupo gerador de energia elétrica. "Nós vamos também comprar um motor de popa para o barco que será utilizado na viagem ao longo do Rio Araguaia".

Segundo o diretor do Rotary Club em Brasília, o grupo de voluntários, quase todos profissionais do Hospital das Forças Armadas, será coordenado pela Funai e transportado por um avião da FAB. Os profissionais pretendem ajudar, cada um com a sua especialidade, os índios Karajás a terem uma vida mais digna sem alterar muito os seus costumes que fazem parte de sua cultura. "A proximidade com a civilização mudou os seus costumes, mas não deu a eles a estrutura e a informação para a alteração de vida". Alexandre Fonseca cita como exemplo o fato dos índios Karajás estarem bebendo água contaminada por coliformes fecais porque consomem água de nascentes situadas próximas ao local onde fazem suas necessidades. "Eu, como engenheiro, quero desenvolver um projeto para perfurar um poço artesiano, além de construir fossas".

De acordo com Alexandre Fonseca a viagem, que está prevista para o dia 18 próximo deve durar dez dias, mas o médico americano Otto Austel, pretende ficar com os índios Karajás durante dois meses.